

REDE DE CONSUMO SOLIDÁRIO SEMENTES DE PAZ

BERMEJO, Eduardo – Rede Sementes de Paz - redesementesdepaz@yahoo.com.br
TOMCHINSKY, Julia – Mestranda da FE-USP - <juliatom@uol.com.br>

RESUMO

Seja nos países ditos ‘desenvolvidos’, seja nos países ‘em via de desenvolvimento’, são multiplicadas práticas alienadas e alienantes de interação da humanidade com o ambiente vivido e de descaso com as gerações passadas, presentes e futuras. A humanidade passa a ser mera consumidora de um modelo econômico que impõe valores e produtos, tendo em vista as necessidades do capital e a crença na *cultura desenvolvimentista* (desenvolvimento econômico, desenvolvimento político, desenvolvimento social, desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento cultural etc.). Mas mediante a perversa desagregação ambiental e a impossibilidade de reversão dos danos causados, emergiu no século XXI uma nova expressão que associou as demandas ambientais e sociais: desenvolvimento sustentável. Em virtude das suas necessidades essenciais de respirar, comer e beber, o homem percebia que estava eternamente inserido nos processos cíclicos da natureza. Compreendia que para sobreviver, teria que se educar para transformar a base de sua produção para um modo sustentável e com equidade social. Teria que ser um consumidor crítico, capaz de decidir sobre no que investe considerando os impactos sócio-ambientais gerados nos processos de produção, distribuição, consumo e acumulação. Neste cenário está inserido o movimento da Rede de Consumo Solidário Sementes de Paz, que comercializa alimentos orgânicos e agroecológicos produzidos por agricultores familiares, cooperados ou associados. É justamente este o tema que será objeto desse relato de experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Solidária - Agroecologia – Alimentos Orgânicos – Consumo Consciente - Comércio Justo – Educação Ambiental – Cultura de Paz e Sustentabilidade

ABSTRACT

All around the world, many alienated and alienating habits of human interaction towards the environment and of disrespect to past, present and future generations are being multiplied. Humans are nowadays plain consumers and workers of a economic model that imposes values and products, according to the needs of the Capital and the belief in this “culture of development” (economic development, political development, social development, cultural development). But along with the Ambientals Crises, a new expression that brings both the social and the environmental needs together has appeared during the XXI Century: Sustainable Development. Due to our basic needs, like breathing, eating and drinking, Mankind realized we are all play roles in the ciclos of nature. We also realized that in order to survive we have to educate ourselves and change our way of producing wealth to a sustainable and socialy fair one. We all have to be Crittical Consumers, able to decide about where to invest regarding the social and environmental impacts of the production, distribution and consumption. Achieving this goal is the objective of “Sementes de Paz” the Solidary Consumption Network, wish distributes organic and agroecological food produced by the familiar agriculture, cooperatives or associations of small producers, object of this essay.

KEYWORDS: Solidary Economy - Agroecology - Organic Food - Critical Consumption - Fair Trade – Enviromental Education – Peace and Sustainable Culture

“Urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre homens e mulheres, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador [...] Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a serem sérios, justos e amorosos da vida e dos outros.” (FREIRE, 2000: 66-67).

CONTEXTO

No início da década de oitenta, a questão ambiental provocou certa resistência por parte dos movimentos populares e sindicais que consideravam-na um interesse da classe média. No caso dos trabalhadores da Indústria, as lutas ecológicas contra as tecnologias poluidoras foram vistas, muitas vezes, como geradoras de desemprego. Somente na segunda metade desta década, a aproximação de educadores afinados com a perspectiva pedagógica freireana e as pedagogias críticas, atuantes em movimentos sociais ou em órgãos de Governo e, ainda, a entrada nas instituições de ensino superior de militantes ambientalistas com um perfil mais crítico e popular, fizeram com que se materializassem propostas e ações que entendiam os problemas ambientais como decorrentes das relações e mediações sociais que nos constituem como indivíduos.

A partir do início dos anos 90, o conjunto dos movimentos populares e sindicais se tornou mais permeável às preocupações ambientais, internalizando esta dimensão às suas lutas e interesses específicos. Um marco dessa virada é o movimento pelas reservas extrativistas, liderado pelo seringueiro Chico Mendes. Em seu papel estratégico de liderança sindical dos trabalhadores Rurais do Acre, ele concebeu o movimento pela criação de Reservas Extrativistas como uma luta social e ecológica, tornando-se um personagem paradigmático da associação da luta popular sindical com a luta ecológica.

No entanto, o debate ambiental só ganhou a visibilidade da sociedade civil depois da *Cúpula da Terra* (Rio-92), quando foi publicada a *Agenda 21*. Este documento, composto por 41 capítulos e aprovado por mais de 173 chefes de estado e de governo, previa a cooperação internacional e a transferência de tecnologia dos países

ricos para os países pobres em vista do **desenvolvimento sustentável**¹ (DS). Ainda assim, a *Agenda 21* não tocava na insustentabilidade intrínseca do modelo capitalista de produção. O **movimento ambientalista** percebia que o desenvolvimento sustentável era mais uma tentativa de reformar o modelo desenvolvimentista, e não uma possibilidade de transformar a sua lógica central baseada no imperativo do crescimento econômico, da economia de mercado e do estilo de vida orientado para o consumo. Por esta razão, os ambientalistas defendiam a idéia de *sociedades sustentáveis*, contra a idéia de um desenvolvimento enquanto *crescimento sustentável*.

Nesta mesma perspectiva, o **movimento da economia solidária** aprofundava uma crítica em relação à sociedade capitalista e à ideologia do progresso, do desenvolvimento e do paradigma científico-tecnológico. A economia solidária buscava desvendar o modo de produção capitalista, a sua estrutura interna, os limites materiais e as contradições de um sistema que se baseia na exclusão social, na exploração da classe trabalhadora, na destruição do meio ambiente e na mercantilização de todos os elementos da natureza e das relações humanas.

“A economia solidária constitui o fundamento de uma globalização humanizadora, de um desenvolvimento sustentável, socialmente justo e voltado para a satisfação racional das necessidades de cada um e de todos os cidadãos da Terra, seguindo um caminho intergeracional de desenvolvimento sustentável na qualidade de sua vida” (Carta de Princípios da Economia Solidária).

Embora tenha nascido no interior do sistema capitalista, a economia solidária aponta para algo diferente: trata-se de um novo paradigma de economia popular, que não se baseia na competição e nem em critérios de rentabilidade e de lucro. Ela emerge como um rico processo fundamentado nos princípios da *solidariedade*, da *sustentabilidade*, da *inclusão social* e da *emancipação social*. Representa uma grande esperança, pois fecunda entre os oprimidos e os velhos e novos excluídos – aqueles cujo trabalho não é valorizado pelo mercado, sem acesso ao capital, às tecnologias e ao

¹ O termo *Desenvolvimento Sustentável* foi utilizado pela primeira vez em 1987, quando a *Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento* das Nações Unidas publicou o *Relatório Brundtland* (também conhecido como *Nosso Futuro Comum*). Segundo tal documento, desenvolvimento sustentável é “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (CMMAD, 1988: 46).

crédito.

Esse novo projeto societário implica na construção de novos valores e de novos conhecimentos. No esforço de sensibilizar e formar a comunidade planetária para participar do processo de transformação social em curso, o papel da **educação popular** tem se acentuado. Vem se multiplicando formas alternativas de educação que exploram a sensibilidade, a liberdade, a criatividade, dentre outros, e apontam para uma visão integrada dos sistemas de vida.

Dentro desse contexto é interessante pensar quem são os oprimidos e os opressores, por que, de certo modo, os opressores também são oprimidos. Oprimida, certamente, é a Terra e todas as formas de vida que habitam nela. Oprimida pelo modo de vida dos seres humanos, que interferem em seus ciclos e dificultam a reprodução da vida. Deste ponto de vista (ainda que nem todos reconheçam) a humanidade esta oprimida também, já que os recursos naturais, fonte da nossa vida, estão se contaminando e tornando-se escassos e, no médio prazo ameaçam nossa existência.

Desde um ponto de vista social, os que concentram a renda e os meios de produção e que exploram o trabalho de outros, impondo modos de relacionamento económico abusivos, sistemas de valores e modos de vida mecanizados, negando informações e deixando alguns em condição de miséria, estão na posição de opressores.

No âmbito de atuação da *“Rede de Consumo Solidário Sementes de Paz”*, identificamos como opressores as grandes redes de supermercados e os atravessadores que comercializam com elas. Se trata de uma relação onde o trabalho do produtor é desvalorizado e (super)explorado, mantendo-os em condições precárias e de dependência, de tal modo eles se vêem obrigados a sustentar tal relação. Os produtores de orgânicos que não tem outra alternativa de venda de sua produção, vivem insatisfeitos e muitos deixam de plantar orgânicos, pois a rentabilidade se torna muito baixa, enquanto outros falem e deixam de ser produtores.

É importante destacar também o papel dos atravessadores, que são empresas que revendem para os grandes supermercados. Ávidas por lucros altos elas corroboram essa situação, pagando pouco aos produtores e tendo uma lucratividade muito maior que a dos produtores, repassando para os grandes supermercados com ganhos de 100 a 150% em media. Sabendo que esses supermercados acrescentam mais 150% ao preço do produto, chegamos ao outro extremo da cadeia, outro grupo que identificamos como

oprimidos desse processo, que são os consumidores.

A grande maioria da população não tem acesso aos alimentos orgânicos, mais saudáveis e produzidos em sua maioria por pequenos agricultores, que deveriam ser a base da alimentação popular. Devido a esse processo de atravessamento, acabam se tornando alimentos elitizados, que atendem a uma minoria. Assim, percebemos que os consumidores também estão oprimidos, ou por que pagam mais caro, alienados do processo produtivo e de distribuição, ou por que não tem acesso, que é o caso das camadas populares.

Nesse sentido, a “*Rede de Consumo Solidário Sementes de Paz*” é um espaço estratégico para a transformação dos sujeitos. Quando investe em alimentos orgânicos e/ou agroecológicos, o associado assume um posicionamento político-filosófico contrário à concentração fundiária e à degradação ambiental - mesmo que não o saiba.

A “*Rede de Consumo Solidário Sementes de Paz*” acredita na possibilidade de uma vida harmoniosa entre os seres humanos e a natureza, tendo a *economia solidária*, a *alimentação sustentável* e a *educação popular* como pressupostos de sua práxis. Afirmamos que o consumo de *alimentos convencionais*² contribui para a degradação dos recursos naturais, para a exploração do trabalhador rural e para a concentração de riqueza entre os grandes latifundiários, redes de supermercados, grandes transnacionais do setor alimentício e cartéis dos agrotóxicos e das sementes transgênicas. E, como alternativa, defendemos que os *alimentos orgânicos*³ e *agroecológicos*⁴ não têm custos socioambientais, pois sua produção fortalece a economia dos pequenos agricultores e está fundamentada numa relação equilibrada com os ecossistemas.

A EXPERIÊNCIA DA REDE DE CONSUMO SOLIDÁRIO SEMENTES DE PAZ

A principal responsabilidade da Rede é articular os produtores e os consumidores de alimentos orgânicos e agroecológicos, a partir de oito *núcleos de*

² Produzidos em sistemas que desrespeitam os ciclos naturais da terra. São alimentos cultivados em sistemas de monocultura, que exigem o uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes, contaminam o solo e os recursos hídricos. Muitas vezes, são variedades transgênicas.

³ Produzidos sem a utilização de adubos químicos, fertilizantes ou “defensivos” (ofensivos) agrícolas. Há controle da qualidade da água e dos solos, garantindo a total ausência de agrotóxicos ou contaminantes químicos de qualquer espécie.

⁴ Produzidos em sistemas de agrofloresta, com plantio consorciado de plantas visando o reflorestamento produtivo das áreas cultivadas. Não gera resíduos poluentes.

consumo solidário que tornam a logística das entregas mais viável econômica e ecologicamente. A cada núcleo, corresponde um espaço físico onde as compras coletivas são recebidas e distribuídas toda semana para uma associação de, no mínimo, treze pessoas. Dentre os principais serviços oferecidos pela Rede, destacam-se:

- Contato com redes de pequenos produtores rurais
- Formação e organização de núcleos de consumo
- Logística e sistema de entregas
- Montagem das cestas de alimentos
- Conscientização da população sobre alimentação, saúde e economia solidária

Como a proposta da Rede é fomentar a reorientação do consumo e, ao mesmo tempo, propiciar boas condições de trabalho para o pequeno produtor, é fundamental que sejam asseguradas tanto a venda como compra dos alimentos. Por isso, a adesão ao sistema de entregas é mensal; isto é, cada associado se compromete com quatro semanas do serviço, de acordo com o *Plano Mensal de Consumo* que melhor lhe convém:

- **Feira Família**

3 Variedades de verduras, 5 variedades de legumes e 5 variedades de frutas

Entrega semanal

Investimento de R\$160,00 / mês

- **Feira**

2 Variedades de verduras, 3 variedades de legumes e 3 variedades de frutas

Entrega semanal

Investimento de R\$80,00 / mês

Obs.: os itens que compõem as feiras variam de acordo com a disponibilidade dos produtores e com a sazonalidade.

- **Cesta de Alimentos não perecíveis.**

Grãos, condimentos, farinhas, flocos, Mel, óleos, etc.

Entrega mensal

Investimento mínimo de R\$50,00 / mês

Obs.: cada associado monta seu pedido à partir de lista aberta com os produtos e preços.

Cada núcleo faz as solicitações na primeira semana de cada mês e efetua o

pagamento na semana seguinte, cabendo ao gestor receber os pedidos e pagamentos dos associados e repassá-los para a Rede. Todos os preços são formados de acordo com os princípios do comércio justo: 65% fica para os produtores e 35% para a Rede.

AVANÇOS E DESAFIOS

Verifica-se que há uma série de conhecimentos que precisam ser construídos para a formação, auto-gestão manutenção dos núcleos. O que é uma *Rede de Consumo Solidário*? O que é um *Núcleo de Consumo Solidário*, e no que se diferencia de uma cooperativa de compra? Quais são as diferenças entre os produtos convencionais, os orgânicos e os agroecológicos, em termos econômicos, sociais e ambientais? Quem são os produtores responsáveis pelo cultivo dos alimentos distribuídos? Como é constituído o preço justo de um produto? Quais são as variáveis que influenciam na disponibilidade das frutas, legumes e verduras a cada semana/mês? Como consumir os alimentos que vêm na feira e na cesta? Quais são os procedimentos para pedido, pagamento e entrega?

A mudança de cultura alimentar exige um processo de formação continuada dos associados da Rede, esse é o maior desafio no momento. Como ainda não há um acompanhamento pedagógico dos núcleos de consumo, isso se reflete numa série de dificuldades práticas que atravancam a ampliação das atividades da Rede. Por exemplo, associados que saem dos núcleos porque acham incômodo carregar uma sacola de alimentos até sua casa; consumidores que reclamam porque a cor da tangerina não é tão forte como aquela turbinada vendida no supermercado; pessoas que desistem porque não querem comer os produtos diversificados que vem na “Feira Semanal”, e sim as variedades que tradicionalmente sempre comprou. É o processo continuado de formação que permite a estabilidade e expansão da rede e, conseqüentemente, fortalece a produção dando maiores garantias e possibilidades aos produtores.

Deste modo, nossa busca é gerar um processo educativo continuado para que os consumidores sejam capazes de:

- Questionar e explicitar as contradições do modelo capitalista de produção e consumo;
- Incorporar novos hábitos alimentares, instituindo novas relações dos seres humanos entre si e com o meio ambiente;

- Despertar para a Cultura de Paz e Sustentabilidade.
- Fortalecer a autonomia de produtores rurais oprimidos e excluídos do mercado;
- Ter acesso à alimentos saudáveis a preços mais baixos que os de mercado.

Estamos buscando solucionar esse desafio de varias maneiras, já que a conscientização do consumidor e parceiros em geral é parte dos objetivos da nossa ação e portanto, fundamental para a manutenção e expansão das atividades da rede.

Nesse sentido estamos avançando, vamos realizar na próxima semana o primeiro encontro dos gestores dos núcleos de consumo e consumidores afim de aprofundar a interação entre os envolvidos e capacitar sobre os temas e tecnologias pertinentes à rede.

Também estamos montando um web site, com receitas, informações, relatos, fotos, dentre outros, onde possa haver estímulos para a maior participação através da compreensão e engajamento consciente. Outra frente são as publicações impressas, como um jornal mensal e boletins informativos e a realização de eventos, como cursos, palestras, encontros, etc. Essa busca e as pequenas realizações que estamos alcançando nessas áreas já são grandes avanços.

Outros desafios são a infra-estrutura logística, o contato com os produtores e o funcionamento dos sistemas de compra e distribuição e a viabilidade econômica. Quanto ao primeiro item, um processo contínuo de comunicação com os produtores esta sendo estabelecido e as rotinas de compras periódicas permitem a organização dos produtores e garantem a distribuição.

Quanto aos aspectos de viabilidade econômica, um aumento no volume de circulação é necessário para garantir a sustentabilidade econômica da rede. Isso dada a margem fixa de precificação e também pelos próprios objetivos dela, onde se incluem: aumentar a demanda para os produtores, gerar demanda para novos produtores, sustentar o funcionamento da estrutura logística, manter e intensificar as atividades educativas e de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

ADOR, F.; LIAZA, S (orgs). **Tecnologia e desenvolvimento: social e solidário**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

ARROYO, J.C.T. **Economia Popular e Solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

ARRUDA, M; BOFF, L. **Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos - uma visão a partir do sul**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CAPRA, F. **Conexões Ocultas: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 2002.

CASTRO, J. **Geografia da Fome – o dilema brasileiro: pão ou aço**. Lisboa: ISPA, 2001.

CATTANI, Antonio David, (org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.

CAVALCANTI, Clóvis (org.). **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 1995.

CULTI, Maria Nezilda. **O desafio do processo educativo na prática de incubação de empreendimentos econômicos solidários**. São Paulo: FE-USP (Tese de doutorado), 2006.

DEBORD. G. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREIRE, P. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____**Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____**Pedagogia da Indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. São Paulo: Editora Cortez, Instituto Paulo Freire, 2000.

KRUPPA, S.M.P. (org). **Economia solidária e educação de jovens e de adultos**. Brasília: INEP/MEC, 2005.

KURZ, R. **O Colapso da Modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LAYARGUES, P.P. (org). **Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

LAYRARGUES, P. P.; LOUREIRO, C. F. B.; CASTRO, R. S. (orgs.) **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. **Reflexões sobre consumo responsável**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

LOUREIRO, C.F.B. (orgs.) **Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

MMA/MEC/IDEC/CONSUMERS INTERNATIONAL. **Consumo Sustentável: manual de educação**. Brasília, 2005.

MEZÁROS, I. **A Educação Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Stória Editores LTDA, 2003.

PHILIPPI, J.A. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SACS, I. **Rumo à Ecosocioeconomia: teoria prática do desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo, Record, 2000.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. **O desafio é criar cadeias solidárias**. São Paulo: Publisher, 2006.

VEIGA, J. E. **Meio Ambiente & Desenvolvimento**. São Paulo: Senac, 2006.